



A construção do personagem no jornalismo literário: uma análise do perfil “A doutora” da revista Piauí¹.

Dyanne Vanessa de Melo SILVA²

Thiago SOARES³

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE.

RESUMO

Ao se apropriar de recursos narrativos da literatura, o jornalismo literário pode construir uma imagem de personagens em textos mais humanizados, aprofundados e subjetivos. O artigo se propõe a analisar a disposição de recursos narrativos literários no texto jornalístico e a entender como eles levam o leitor à construção de uma imagem sobre o perfilado. Para isso, o artigo contempla uma análise do perfil “A doutora”, publicada na revista Piauí, que narra os feitos da médica Virgínia Helena Soares de Souza, acusada de praticar eutanásia em uma UTI de Curitiba. A análise é feita em quatro tópicos – cronologia, foco narrativo, descrição de ambientes e descrição da personagem – com base na revisão bibliográfica sobre o jornalismo literário, perfil e construção do personagem.

PALAVRAS-CHAVE: construção do personagem; jornalismo literário, perfil, Piauí.

INTRODUÇÃO

A literatura dispõe de recursos narrativos e descritivos que, ao serem utilizados pelo jornalismo, potencializam a formação de uma imagem a respeito do personagem retratado no texto. O presente artigo se propõe a analisar a organização de recursos narrativos literários na construção da figura de um personagem no texto jornalístico. O objetivo é, portanto, entender como esses recursos são dispostos no perfil da médica Virgínia Helena Soares de Souza, elaborado pela jornalista Daniela Pinheiro. No caso da narrativa em análise, o intuito é também perceber como esses elementos podem levar o leitor à construção de uma imagem sobre a personagem perfilada e, ainda, perceber como a autora usa esses elementos para construir o relato sobre o processo investigativo contra a médica.

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 02 a 04 de julho de 2015.

² Recém-graduada no Curso de Jornalismo pela Universidade Federal de Pernambuco, email: dyannemelo@gmail.com

³ Professor/Orientador, email: thikos@gmail.com



Para empreender a análise, será realizada uma revisão bibliográfica nos conceitos de jornalismo literário e suas características; de perfil; e, do uso de alguns recursos narrativos e descritivos. A escolha por esse tema se deu a partir do entendimento das potencialidades que o texto jornalístico literário apresenta ao permitir, sem as “amarras” do jornalismo tradicional, maior aprofundamento à narrativa jornalística, bem como por entender que a construção do personagem não se dá de forma gratuita, sendo o resultado das estratégias escolhidas por quem narra e por quem lê. Embora o perfil a ser analisado tenha sido publicado em junho de 2013, a escolha se deu a partir da percepção de que esse texto continua atual, fornecendo um exemplo precioso a cerca da temática “construção do personagem no jornalismo literário”. Ademais, o texto é um exemplo do uso dos recursos da literatura como elementos para a elaboração de um perfil-reportagem que explora os diversos enfoques (versões) de um fato.

1 Jornalismo e literatura

Para Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986, p. 11), a narrativa é o discurso “capaz de evocar um mundo concebido como real, material e espiritual, situado em um espaço determinando”. Para esses autores, a narrativa não é possibilidade apenas da arte ficcional, existindo no jornalismo “pela realidade factual do dia-a-dia, pelos pontos rítmicos do cotidiano que, discursivamente trabalhados, tornam-se reportagem” (SODRÉ, FERRARI, 1986, p. 11). Nesse sentido, é possível falar em uma narrativa ficcional (literária) e em uma narrativa jornalística.

Ainda que sejam campos distintos do conhecimento, o jornalismo e a literatura têm apresentado interseções nos textos jornalísticos literários. Tais interseções acontecem quando o jornalismo se apropria de recursos narrativos da literatura para a elaboração do discurso. Para Carlos Alberto Vicchiatti (2005), esse diálogo entre as duas áreas não implica transfiguração de um no outro, implica construção de uma narrativa quase híbrida.

Essa narrativa conjunta possibilita desconstruir as “amarras” do jornalismo tradicional, a exemplo de técnicas como a pirâmide invertida e o lead. Desse modo, é possível construir textos não lineares, normalmente mais aprofundados, subjetivos e articulados. Já para Felipe Pena (2006), o jornalismo literário pode ser definido a partir



de sete características, conceito denominado por ele como estrela de pontas. Para o autor, o termo:

significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. (PENA, 2006, p. 13).

Contudo, é importante perceber que, mesmo mais detalhado e sem o rigor das técnicas tradicionais, o texto jornalístico literário deve cumprir a função essencial do jornalismo de informar. É imprescindível, assim, que a narrativa se origine a partir do real, do fato (ainda que se tenha a noção de que o texto é sempre um recorte). Para Vicchiatti (2005, p. 89), os textos jornalísticos literários mantêm as respostas às questões básicas: que, quem, quando, como, onde, e por que, “mas há uma utilização de formas mais competentes de enunciar, com processo mais competente de codificação verbal”. Edvaldo Pereira Lima (2009, p.131) discorre que esse tipo de jornalismo não se confunde com a ficção e nem deixar a abordagem do real, “mas nega que seja apenas sua porção mais aparente, visível, concreta, material”. O autor questiona:

Quando a ciência avança para horizontes mais sutis de percepção, por que o jornalismo deveria permanecer restrito a um campo de visão míope, em termos modernos? Por que não deveria encontrar os pontos de confluência entre o real visível e aquele menos tangível que se insinua camuflado, tímido e fugidio, por detrás dos acontecimentos concretos? (LIMA, 2009, p. 131).

Dentre as vertentes do jornalismo literário, o perfil se destaca por se constituir em uma narrativa com foco em um personagem, seja pessoa ou lugar, por exemplo. No caso do perfil de um indivíduo, há normalmente uma descrição sobre as características, os comportamentos, os valores, as motivações e até receios dele. É o que Lima (2009) denomina como “arqueologia psicológica”. Sodré e Ferrari (1986, p. 126) discorrem que no perfil o “focalizado é protagonista de uma história: sua própria”.

É importante destacar o cuidado que se deve ter com o tratamento dado ao texto do perfilado, no sentido de não exaltar demais o personagem, tão pouco para não minimizá-lo. Deve-se evitar o estereótipo, entendendo o ser humano como o resultado de uma complexidade única, “com a extensão necessária e com lucidez equilibrada onde nem os endeusamos nem os vilipendiamos” (LIMA, 2009, p. 359).

Ao escrever o perfil, o autor do texto jornalístico possibilita que o leitor construa uma imagem a respeito do perfilado. Muito embora o relato se origine a partir do real, é



necessário entender que a formação da imagem daquele personagem passa pela percepção do autor e do leitor. João Maria Mendes (2001 apud LOPES, 2010, p. 4) entende que é inevitável a ficcionalização dos sujeitos reais nas narrativas de realidade, uma vez que “o movimento narrativo é o mesmo – bem como a sua recepção –, no que toca à relação com o referente, na narrativa ficcional e na narrativa de realidade”.

Vicchiatti (2005) aborda que a utilização dos personagens no jornalismo literário deve ser pautada no “real”. Para o autor, a literatura pode transformar o indivíduo real em um personagem fictício, já o jornalismo procura o real/verdade para construir a narrativa, enfrentando, contudo, a influência de conhecimentos anteriores, de conceitos pré-concebidos, entre outras interferências. Ele discorre:

O jornalista não inventa diálogos, não cria o que é denominado personagem complexo (tirado de várias pessoas), não penetra no pensamento das pessoas (a não ser que esses pensamentos sejam revelados em entrevistas), não reconstitui sentimento de mortos (jamais serão reais, no sentido mais amplo da palavra). Se o fizer, o jornalista e o trabalho por ele produzido perdem a credibilidade. (VICCHIATTI, 2005, p. 90 e 91).

2 Revista Piauí

Como exemplo de produção nacional de jornalismo literário, pode-se citar a revista Piauí. A publicação é assim entendida por se identificar a existência de características do jornalismo literário em muitos dos textos da revista. Como exemplo dessas características, pode-se citar o uso de figuras de linguagem; humor; ironia; maior humanização dos personagens; e, textos mais aprofundados e autorais. Além disso, a revista usa elementos como descrições e narrativa não linear. Em muitos lugares, a revista aparece grafada em letras minúsculas e em itálico. Neste artigo, optou-se como representá-la sem o itálico e com a primeira letra maiúscula.

A revista Piauí teve seu lançamento datado em outubro de 2006, tendo sido idealizada pelo documentarista João Moreira Salles. Com periodicidade mensal, a publicação aborda temas diversos (política, cultura, saúde, entre outros), não apresentando uma temática ou recorte específico. A dimensão da revista é maior do que os periódicos mais comuns em circulação atualmente (ela é impressa no formato de 26,5 cm x 34,8 cm); os textos são, na maioria das vezes, longos, e ocupam várias páginas. A Piauí contempla, ao longo de suas edições, pautas que não são convencionais à maioria dos veículos jornalísticos em circulação, tendo maior liberdade editorial. Há uma



extensão das pautas e um maior aprofundamento nos textos, o que é possibilitado, entre outros fatores, pelo maior tempo dedicado à apuração.

Entre os textos publicados na revista, os perfis trazem a “história” e feitos de personalidades como políticos e artistas, além de darem espaço também às pessoas anônimas ou pouco conhecidas. O objeto de análise deste trabalho foi definido como sendo o perfil “A doutora”, escrito por Daniela Pinheiro e veiculado na edição de número 81, em junho de 2013. Atuante na publicação desde 2007, a jornalista assinou para a Piauí os perfis dos políticos José Dirceu, José Serra, Marina Silva; da presidente Dilma; do então presidente da CBF, Ricardo Teixeira; dentre outros nomes.

No caso do texto em análise, Daniela Pinheiro narra a história de Virgínia Helena Soares de Souza, ex-diretora da Unidade de Terapia Intensiva do Hospital Universitário Evangélico de Curitiba. A médica foi acusada de matar sete pacientes internos da UTI (praticar eutanásia) após manipular padrões de oxigênio dos aparelhos respiratórios e ministrar aos doentes um coquetel de sedativos e bloqueadores neuromusculares.

O perfil é distribuído ao longo de oito páginas. É possível ao leitor construir não só o perfil da médica, bem como entender o caso em que ela se envolveu. Para fins de melhor atingir o objetivo pretendido, a análise será dividida em tópicos que melhor abarcam os recursos literários narrativos e descritivos: cronologia; foco narrativo; descrição de ambientes e descrição do personagem. Essa divisão foi baseada na proposta utilizada em tese por Guilherme Villa Verde Castilhos (2009).

3 Análise

3.1 Cronologia

Neste tópico, será analisada como se dá a sequência narrativa no perfil, como a ordem dos acontecimentos vai sendo delineada pela autora do texto. Ao todo, o texto se encontra dividido em 16 blocos, se consideradas as letras capitulares no início de cada um deles. A narrativa utilizada pela jornalista Daniela Pinheiro não segue uma ordem linear com relação ao tema predominante em cada bloco, intercalando os blocos que tratam da cronologia da denúncia, prisão e investigação do caso com os blocos que narram a “história” de vida e características da médica. No entanto, constata-se que há certa ordem linear na sequência dos blocos com a mesma temática ou foco.



O texto foi construído tanto com base nas entrevistas concedidas à jornalista pela médica e pelos personagens secundários, quanto pelas informações dos autos do processo. A narração do perfil começa com uma personagem secundária, a fisioterapeuta Karina Casser, responsável pela denúncia a partir da qual se originou a investigação da polícia. Daniela Pinheiro reconstrói como teria sido a rotina da fisioterapeuta antes e após a denúncia junto a Ouvidoria Geral do Estado do Paraná.

O primeiro e o segundo blocos são voltados para contextualizar o início das investigações. Ainda no final do segundo bloco, Daniela Pinheiro começa o relato sobre o perfil da médica Virgínia Soares de Souza, e o começa descrevendo como teria sido o momento em que a doutora foi abordada pela polícia: “A senhora me acompanhe”, disse a delegada Paula Chistiane Brisola, do Núcleo de Repressão aos Crimes contra a Saúde. ‘Por quê?’, disse a médica, impassível. ‘Antecipação de óbitos’, falou a delegada. ‘Como?’” (PINHEIRO, 2013, p. 15).

O relato da prisão é interrompido para, então, no terceiro bloco, dar espaço à narrativa sobre a vida da médica com um breve relato histórico da família, infância, casamentos, filho e trajetória profissional. No quarto bloco, a narrativa, na maior parte, é voltada para contextualizar a situação do hospital (uma espécie de mini-perfil), com dados sobre o funcionamento, a crise financeira e outros problemas existentes na unidade de saúde em que os casos teriam acontecido. Do quinto ao oitavo bloco, a narrativa prossegue com relatos intercalados do percurso tomado pela investigação, ora com depoimentos “de acusação”, ora com falas de personagens que defendem a médica.

É apenas a partir do novo bloco que Daniela Pinheiro descreve como foi a entrevista com a médica (realizada no apartamento da doutora). Daí em diante, e até o último bloco, há passagens intercaladas entre o que se passou durante as entrevistas, os depoimentos, as contradições da investigação e a cobertura da mídia. Como se pode perceber, a jornalista usa recursos como o *flashback* para resgatar acontecimentos do passado. Nesse sentido, Lima (2009, p. 165), ao falar sobre as técnicas de edição nas narrativas extensas, aborda que esse tipo de texto requer “hábil tratamento de montagem, de estruturação e ordenação do conjunto de ações, ambientes, personagens, discussões, questões, de modo a haver, no todo, uma unidade organizada com lógica, graça e harmonia”.

3.2 Foco narrativo



Guilherme Villa Verde Castilhos (2009) discorre que o foco narrativo diz respeito ao modo de narrar do texto. Para o autor, “o foco narrativo determina a relação do narrador com a história relatada e, portanto, o tipo de enfoque que o autor utiliza para criar a imagem do personagem principal” (CASTILHOS, 2009, p.65). A escolha por uma maneira de narrar pode dar a ideia de afastamento ou de aproximação. Sodré e Ferrari (1986, p. 126) explicam que no perfil, o jornalista tem “dois tipos de comportamento: ou mantém-se distante, deixando que o focalizado se pronuncie, ou compartilha com ele um determinado momento e passa ao leitor essa experiência”.

Para compor o perfil da médica Virgínia Soares, a jornalista se vale, na maior parte do texto, do foco narrativo em terceira pessoa. O início da narração se dá com esse foco: “A fisioterapeuta Karina Casser acordou cansada naquela manhã [...] Pulou da cama cedo, tomou café [...]” (PINHEIRO, 2013, p. 14). A presença da narradora, então, fica implícita: o leitor entende que o relato é construído a partir do que a personagem secundária informa para a jornalista, embora a autora não se coloque explicitamente na narração. Esse recurso é percebido em muitos momentos ao longo do texto.

É possível pontuar, no entanto, que em alguns trechos a narradora aparece mais explicitamente. Um desses momentos é quando a jornalista transcreve a fala em discurso direto de algum personagem, completando a informação em primeira pessoa: “Desliguei o telefone e fui trabalhar ainda sem acreditar que tinha tido coragem de revelar tudo’, *disse-me* Karina Casser num centro comercial no bairro do Tatuapé, em São Paulo” (PINHEIRO, 2013, p.14, grifo nosso). Na maioria das vezes, quando a jornalista reconstrói acontecimentos anteriores ao momento das entrevistas presenciais, há o uso do foco em terceira pessoa; o uso da primeira pessoa se dá mais para acompanhar os relatos das entrevistas. Como exemplo do trecho em primeira pessoa, pode-se citar: “No meio da sala, Naomi latida insistentemente na minha direção” (PINHEIRO, 2013, p. 20).

Além disso, a autora aparece mais explicitamente no texto, por exemplo, em um trecho em que se mostra como personagem da narrativa. Na passagem, Daniela Pinheiro narra a conversa com o oncologista Alexandre de Almeida Guedes: “Quando perguntei sobre o que ocorrera, Guedes disse que não falaria do assunto com uma *jornalista* [...]” (PINHEIRO, 2013, p. 18, grifo nosso).

3.3 Descrição de ambientes

Os espaços onde a narrativa se desenrola concorrem para a construção do personagem. “Observações sobre a decoração da casa de um personagem, ou sobre os objetos encontrados em seu ambiente de trabalho, por exemplo, podem caracterizar indiretamente o personagem, revelando traços da sua personalidade” (CASTILHOS, 2009, p.103). O cenário que aparece como maior destaque no perfil “A doutora” é a própria casa da médica: um apartamento em um bairro de classe média alta de Curitiba.

A descrição do ambiente onde a entrevista ocorreu acontece a partir do nono bloco de texto. Ela é essencial para dar a noção de que a jornalista “aprofundou” seu conhecimento sobre a médica ao entrevistá-la no lugar de pertencimento, na intimidade dela. A sala é descrita com riqueza de detalhes, de modo que os elementos presentes na descrição possivelmente levam o leitor a perceber a médica como uma pessoa excêntrica:

Cada parede da sala do apartamento é pintada de uma cor (salmão, vermelho e azul) e abriga um sem-número de quadros de paisagens marítimas e cenas do Carnaval veneziano pintadas pelo pintor impressionista Érico de Castro. Dois sofás de corino roxo, ornados por almofadas laranjadas [...] (PINHEIRO, 2013, p. 18).

Com relação ao ambiente do hospital, Pinheiro o descreve como o lugar onde a médica se sentia à vontade e onde costumava passar muito tempo. “De segunda a sexta-feira, chegava cedo à UTI Geral e lá passava até doze horas seguidas. [...] Relaxava bordando tapeçarias e fumando um cigarro atrás do outro dentro do hospital” (PINHEIRO, 2013, p. 16). Esse recurso é importante, uma vez que permite entender a relação da doutora com o local de trabalho onde teriam acontecido os crimes.

Ao longo do perfil, um objeto em específico funciona também como elemento que ajuda a caracterizar a personagem – o cigarro. Em diversas passagens, a jornalista cita ou remete ao ato de fumar da médica. “Ela se mexeu no sofá, apalpando o estofado atrás do maço de cigarros, e se lembrou da enxurrada de acusações [...]” (PINHEIRO, 2013, p. 20). Essa ideia é resgatada no último bloco de texto, quando a narradora conta (PINHEIRO, 2013, p. 21) que a “doutora acendeu o sexto cigarro” durante a entrevista.

3.4 Descrição da personagem

O recurso de caracterização da personagem é feito por meio de uma narrativa descritiva, onde a autora, em algumas passagens, discorre sobre características físicas da doutora: “Seus olhos muitos vivos, claros e amendoados eram emoldurados por uma cabeleira curta e escura” (PINHEIRO, 2013, p. 15). As características descritas podem

dar ao leitor a ideia de excentricidade da personagem: “Vestia kafkan roxo e pantufas com estampa de oncinha” (PINHEIRO, 2013, p. 18). Em um trecho, a jornalista chega a destacar que a aparência física da personagem chama a atenção, podendo concorrer para uma imagem negativa da médica. Virgínia Soares de Souza eram apelidada como “bruxa”.

Daniela Pinheiro também traz características psicológicas e comportamentais da personagem, descritas a partir da observação durante a entrevista: “Ela fala com afetação [...]. Muitas vezes, ao encerrar uma frase, recolhe os lábios e faz um bico proeminente, o que lhe dá um ar de empáfia. Não é fácil simpatizar com a médica” (PINHEIRO, 2013, p.18). O seguinte trecho também é exemplo: “Mimada, desde menina ouvia do pai que deveria dizer o que pensasse, ‘sem se importar com as consequências’. Seus arroubos de sinceridade soavam como rispidez” (PINHEIRO, 2013, p. 15).

A caracterização da personagem por meio de atos e falas serve para construir a imagem da médica como tendo um temperamento forte, agressivo e preconceituoso

Em depoimentos à polícia, testemunhas dizem que ela cultivava um “grupinho”, “os preferidos”, “os protegidos”. Aos demais não dirigia a palavra. Quando o fazia, era para esculachar: “Não quero ver bunda em cadeira”, “Olha aqui, ô, primor de inteligência”, “pobre é uma desgraça mesmo”, dizia. Não raro, gritava: “Tinha que ser preto mesmo para fazer uma merda dessas” (PINHEIRO, 2013, p. 16).

Mais do que apenas denotar o temperamento da personagem, os relatos dos atores secundários servem também como recurso para construir a narrativa de reflexão sobre a possível culpa ou inocência da médica quanto às acusações. Essas construções levam ao questionamento se os crimes realmente ocorreram ou se as denúncias foram motivadas por vingança dos funcionários retaliados:

Para Guerreira, é possível que as acusações contra a médica tenham outras razões. “Ela é grosseira, é racista, é mal-educada, é implicante, é desrespetosa, é feia”, disse. “Se for isso, acusem-na, processem-na por racismo ou assédio moral. Mas falar que ela matava? [...]” (PINHEIRO, 2013, p. 19 e 20).

A jornalista, nesse sentido, ouve personagens tanto que corroboram a ideia de que a médica teria culpa, quanto pessoas que a defendem e justificam os procedimentos suspeitos. São esses atores secundários que norteiam não só a construção do perfil de Virgínia Soares de Souza, como também vão delineando os fatos ocorridos. Ao dar voz a versões e opiniões distintas, a autora possibilita destaque aos vários enfoques do caso.

Outros recursos são utilizados para rebater a imagem negativa da médica que ficou conhecida como “doutora morte”. O título do texto, com o uso apenas da palavra doutora, já possibilita inferir que o texto não contempla unicamente os relatos de acusação contra Virgínia Soares de Souza. Por outro lado, o título também deixa margem à interpretação do comportamento de soberba da médica. Em alguns momentos, há a exposição do afeto que a médica tinha pela sua cachorra de estimação.

Daniela Pinheiro usa também, ao desconstruir a abordagem feita pela mídia à época do caso, uma espécie de recurso metalinguístico para construir a narrativa de que a médica pode não ser assassina: “O *Jornal Nacional* deu uma longa reportagem sobre a transcrição errada da polícia. Mas as incriminações, dentro e fora da imprensa, continuaram sem qualquer alteração” (PINHEIRO, 2013, p. 17). Mais para frente na mesma página, a autora retoma a forma como imprensa abordou os fatos:

O noticiário tomava proporções de caça às bruxas. Trechos dos depoimentos das testemunhas eram vazados aos jornalistas, assim como detalhes sórdidos do que teria acontecido entre as paredes da UTI Geral. [...] A revista *Veja* trouxe uma reportagem com chamada de alto de capa sobre a ‘repugnante máquina de execuções instalada na UTI’ do hospital curitibano. Alguns programas na televisão passaram a se referir à médica como “Doutora Morte”. O caso repercutiu no exterior. *The New York Times*, *The Guardian*, *The Independent*, Al Jazeera, CNN, Fox News fizeram reportagens sobre o caso [...] (PINHEIRO, 2013, p. 17).

A própria fala da doutora questiona a credibilidade das informações jornalísticas veiculadas. No relato em que ela conta que passou a assistir televisão sem som, é escrito: “Não quero ouvir ‘a médica que matava pacientes’, disse. ‘Deviam botar ao menos ‘suspeita de’. Não acredito em mais nada que passa na tevê. Uma reportagem diz ‘fulano matou’. Eu fico pensando: ‘Será?’” (PINHEIRO, 2013, p. 18).

Ainda sobre a construção dos muitos enfoques do caso, pode-se dizer que Daniela Pinheiro constrói essa narrativa intercalando as falas de acusação da promotoria com as falas de defesa da própria médica e dos personagens que a apoiam. Sobre os grampos telefônicos feitos pela polícia, é relatado: “Chamou a atenção dos policiais que ela usasse expressões como [...] ‘desligar o paciente’ [...]. ‘A doutora Virgínia dizia estar ‘com a cabeça tranquila para assassinar’” (PINHEIRO, 2013, p. 14 e 15). Um exemplo de como Daniela Pinheiro faz o percurso inverso ao relatar os possíveis lados do caso, é o seguinte:

Cinco dias depois da prisão da doutora, a polícia voltou atrás no ponto mais grandiloquente do inquérito. Ela não dissera em um telefonema que estava “com a cabeça tranquila para assassinar”. Falara, isso sim,

estar “com a cabeça tranquila para *raciocinar*”. (PINHEIRO, 2013, p. 16).

Por fim, é possível citar que, em um trecho da reportagem-perfil, Pinheiro traz a discussão expositiva e técnica, com base na fala de especialistas, sobre os procedimentos médicos envolvidos no caso, como o conceito de eutanásia, ortotanásia e distanásia. Esse recurso também ajuda a problematizar a culpa ou inocência da médica. O personagem secundário Gustavo Amarante discorre:

O sujeito está com uma dor oncológica enorme, você inicia a sedação e a analgesia, cuida da falta de ar, e ele morre. Aí, vem a pergunta: Você acelerou a morte dele? Não sei, não dá para responder. Agora, ele morreu sem dispneia, sem estar se contorcendo de dor, sem sofrer desnecessariamente. Morreu porque estava morrendo.” Ele fez uma longa pausa e perguntou: “Percebe como é uma questão muito complicada?” (PINHEIRO, 2013, p. 19).

Considerações finais

A partir das análises feitas no presente artigo, percebe-se que a construção do personagem no jornalismo literário pode ser influenciada pelo modo como os recursos literários estão dispostos no texto. No perfil “A doutora”, a jornalista Daniela Pinheiro constrói o texto com foco, majoritariamente, em terceira pessoa. Isso acontece também uma vez que o texto não só dá conta de construir uma imagem da médica, bem como evoca a narrativa de como se deu o caso desde a denúncia até a acusação. No perfil, os blocos de texto seguem uma estrutura intercalada. Há o uso da descrição para caracterizar espaços e personagens.

Ao dar voz para que a acusada conte a versão dos fatos e ao trazer profissionais da área para abordar os procedimentos polêmicos que teriam causado a morte dos doentes terminais, a jornalista concorre para desconstruir a imagem negativa da médica, formada, em parte, pela forma como a mídia divulgou o caso. O papel do jornalismo não é julgar e muito menos o de condenar os suspeitos. Nesse sentido, o perfil, ao mostrar uma apuração dedicada e uma preocupação ética exemplar, deixa ao leitor a possibilidade de formar a própria opinião sobre os acontecimentos relatados.

É preciso pontuar que a análise contemplada neste artigo não esgota a temática “construção do personagem no jornalismo literário”. O texto traz alguns apontamentos, mas existem ainda diversos outros recursos literários que podem e devem ser analisados para maior compreensão do assunto.



REFERÊNCIAS

CASTILHOS, Guilherme Villa Verdes. **A construção do personagem**: uma análise dos perfis da revista Piauí. Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/22304/000739530.pdf?sequence=1> Acesso em: 02 de mar de 2015.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**: o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4. ed. Barueri, SP: Manole, 2009.

LOPES, Paula Cristina. **Linguagem literária e linguagem jornalística**: Cumplicidades e distâncias. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação (ISSN: 1646-3137), 2010. Disponível em: <<http://repositorio.ual.pt/handle/11144/199>>. Acesso: 30 de mar. 2015.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PINHEIRO, Daniela. **A doutora**. In: REVISTA PIAUÍ. Editora Alvinegra, junho de 2013. Anais da Medicina, p.14.

SODRÉ, Muniz, FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem** – notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

VICCHIATTI, Carlos Alberto. **Jornalismo**: comunicação, literatura e compromisso social. São Paulo: Paulus, 2005.